

Jorge Marques Gonçalves jmgoncalves@fc.up.pt

Muito obrigado por me ter enviado os documentos, que li com atenção. O conjunto do texto é muito completo, são reflexões muito interessantes, que em alguns tópicos que se sobrepõem, mas que não perdem por isso. É difícil, para mim, acrescentar valor (para usar alguma da terminologia utilizada...) às ideias aí expressas. Gostei particularmente do relatório sobre o financiamento da Ciência (gostei muito também da assertividade do relatório sobre carreiras e oportunidades; gostei menos do relativo à avaliação por me parecer muito corporativo e com algumas ideias já gastas) mas julgo que ficou por fazer alguma reflexão sobre um possível cenário pessimista sobre a evolução da economia portuguesa e de que modo isso afectará o financiamento.

Na hipótese mais benigna julgo que será de esperar cortes de, pelo menos, 10% já no próximo orçamento para a Ciência, e num cenário mais negro, um corte ainda mais significativo, se for necessária uma intervenção externa na economia. Parecemos caminhar alegremente para o abismo, os avisos sucedem-se, pelo que talvez fosse de construir um cenário prevendo tal hipótese e as implicações que teria na Ciência em Portugal.

Se me quiser substituir à Comissão, penso que é relativamente fácil prever alguma coisa do que aconteceria:

- a) os atrasos nas transferências que já se verificam vão piorar e podem até tornar-se “definitivos”;
- b) provavelmente a investigação pura será menos apoiada; haverá uma pressão maior para resultados imediatos (para voltar a usar a terminologia do relatório, prioridade aos quadrantes de Edison (mais) e de Pasteur (menos));
- c) pouco dinheiro disponível internamente (não acredito que as parcerias internacionais sejam abandonadas) pode levar à imposição de áreas prioritárias, abandonando-se a “liberdade de direcção” que tem havido até agora;
- d) menor selectividade; haverá uma tendência a financiar apenas o que já está estabelecido (investigadores e centros de investigação bem classificados e/ou mais influentes) em detrimento do risco da inovação;
- e) (ainda mais) atrasos no apoio de ideias/projectos estruturais como a compra de grandes equipamentos ou o estabelecimento de objectivos estratégicos;
- f) uma pressão maior para a formação de grandes grupos de investigação no sentido de diminuir custos administrativos; eventualmente, o fecho puro e simples de alguns centros de investigação.

A comissão certamente verá outras consequências e implicações. Em alturas de crise, surgem sempre grandes ideias (mais, quanto maior for a crise) e oportunidades. Por exemplo, se a existência de menor financiamento por parte do Estado, obrigar a procurar fontes alternativas de financiamento, desde que existam, a fazer parcerias com as empresas, isso pode ser uma coisa positiva. Uma pressão maior para a formação de grandes grupos de investigação também pode ser uma coisa positiva já que é, há muito tempo, um objectivo.

Para já é tudo. Espero ter sido claro e ter contribuído, de algum modo, para a construção de um cenário que terá de ser levado em conta. Os ecos dos previsíveis cortes na Ciência em Espanha já chegaram à Nature e o mesmo se deve passar cá (os cortes, não as notícias na Nature...).

Se precisar de mais alguma coisa, disponha.

Cumprimentos,
Jorge Gonçalves